Inauguração da Sede da Editorial Moura Pinto -Espaço Fernando Valle

FERNANDO VALLE

5 de Maio de 2018

"Creio no triunfo da Justiça ! Creio no triunfo da verdade ! Creio na liberdade, que é a garantia do Espírito e da Inteligência, que é a própria Natureza Humana"

Fernando Valle, 1930

Viva o Espaço Fernando Valle
Viva a Editorial Moura Pinto

O juramento é um acto de linguagem que legítima um contrato.

A Editorial Moura Pinto cumpre hoje um destino de sempre:

Instalar a sua sede no Espaço Fernando Valle, seu fundador e simbolizar a sua instalação em Côja, sua mátria e sua razão de existir.

É a Editorial Moura Pinto um palimpsesto onde a vida e obra de Fernando Valle é o seu ovo embrionário.

Assim deve cumprir o seu destino com FRATERNIDADE E JUSTIÇA e procurar servir a Humanidade em nome dos mais fracos porque não há esforço, por pequeno que seja, que possa perder-se ou desaparecer do mundo das causas porque uma justiça inata e inquebrável rege a condição humana que coloca definição entre o Bem e o Mal.

A verdadeira Revolução consiste como em Egas Moniz, voltar às virtudes da Fraternidade como amor para todos e em nome de todos; da MORALIDADE nas palavras e nos actos, a na paciência suave que nada ou alguém pode alterar; da Energia para lutar e que abre caminhos para vencer a mentira; da Contemplação sem fim dos homens e da sua natureza, tantas vezes estranha ou mal entendida e da Sabedoria que faz os homens superiores porque ao serviço dos outros, sem espaço ou tempo para si: Ser peregrino destes valores e destes deveres e de todos os direitos que sejam justos e perfeitos: A Esperança a Igualdade e a Liberdade são o caminho que Fernando Valle nos ensinou.

Teve paciência porque não temeu falhar nem procurou triunfar só para si ou para os seus.

Teve perseverança como aqueles que sofrem toda a vida a miséria ou a tirania da exclusão social e teve Paz porque semeou as sementes do mérito.

No Espaço Fernando Valle não esquecemos Beatriz Valle nem Alberto Valle e abraçamos fraternalmente os seus filhos Luís, Teresa, Fernando e Mário Valle.

Viva o Espaço Fernando Valle.
Viva a Editorial Moura Pinto.

Carlos Maia Teixeira
Presidente da Editorial Moura Pinto

Em Frente

Hoje é dia de júbilo, pois a Editorial Moura Pinto, com a inauguração destas instalações que apropriadamente têm o nome do nosso Mestre Fernando Vale.

Deste modo prestamos homenagem a dois vultos da terra que toda a vida lutaram pela Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Ao longo da sua existência, a Editorial Moura Pinto, com muitas dificuldades é certo, vem colaborando com as mais diversas instituições, em especial com as autarquias. Palestras, exposições, edições de livros, revistas, jornais, postais, etc., atestam a vitalidade de uma associação por toda a região centro e não só.

Com o actual salto, aprofundamos as iniciativas e é caso para dizermos: Presente! Em Frente!

Alípio de Melo

Os Copo e Bucha

Foi nos auspícios do ano de 1995, sob a égide do Nosso emérito Fernando Valle, que, em Coja, criámos a Editorial Moura Pinto, um projecto, um espaço, uma voz progressista cá e, em peregrinação pelo mundo profano.

Do mesmo modo que aqui, na Serra do Açor e arrabaldes trabalhávamos a pedra bruta, daqui irradiávamos por tudo que tornávamos sítios evocativos: Aveiro/José Estevão, Ereira/Afonso Duarte, Figueira da Foz/Manuel F. Tomaz, Porto/Viva a República e Sinédrio, Mogadouro/Trindade Coelho, Coimbra/Um Século de Lutas Académicas, Mortágua/Tomaz da Fonseca, Tábua/Camilo Pessanha, Gouveia/Viva o Alípio, Viseu/Aquilino Ribeiro, também nós desalinhados com o sistema ritualista do mais do mesmo, ousamos quebrar peias, em todo o tempo, que os valores e as causas que protagonizamos o exigem.

Tem sido assim, a Editorial Moura Pinto. A trancos e barrancos, ora referenciando uns como Raul Brandão quando nos diz: «não são só os sentimentos que criam palavras, também as palavras criam sentimentos» quando a 22 de julho de 2014 ousámos, contra a omissão dos nossos dignatários, nos indignámos publicamente contra a adesão da Guiné Equatorial à Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), ora fazendo jus a Miguel Torga quando define os portugueses como «uma sociedade socialmente pacífica de revoltados».

Ironias deste nosso apostolado, esconjurados de formativos ritualistas, quando olhados de soslaio pelos horizontais (rezam mas não oram) nos alcunham de «Copos e Bucha», do mesmo modo que o grupo revolucionário de Alberto Moura Pinto (nosso patrono), Jaime Cortesão e Jaime Morais, criado para combater o regime ditatorial português a ponto de logo em fevereiro de 1927 participarem na revolta armada contra a Ditadura, ser alcunhado de «Grupo dos Budas», não por serem corpulentos e gordos! Não, simplesmente porque lhes foi impossível reconhecer o seu pensamento e as suas acções.

Para esses, inaptos resmungões, resta-lhes uma estrofe de Camilo Pessanha: «quem quebrou a mesa de eu cear – tábua tosca, de pinho? E me espalhou a lenha? E me entornou o vinho? – Da minha vinha e vinho acidulado e fresco».

Uma organização que não dá notícias das transformações que a comunidade realizou na semana anterior e das que se compromete a realizar na semana seguinte não celebra nada.

A repetição dos textos, só por si, mata a novidade do movimento. A repetição não é o caminho!

Como nos diz Raul Brandão: «É com palavras que construímos o mundo.» Que palavras?

As que o filósofo italiano Maurízio Ferraris nos anuncia no seu último livro «L' Imbecilitta é una cosa seria» ou a que Umberto Eco nos legou meses antes de morrer: «As redes sociais concedem o direito de palavra a legiões de imbecis, que antes só falavam no bar depois de um copo de vinho sem danos para a colectidade, enquanto agora têm o mesmo direito de palavra de um prémio Nobel. Assistimos à invasão dos imbecis»!

Não é com os «prós e contras» de Fátima Campos Ferreira que se dá a volta a isto. É com o combate permanente à ignorância, já que o triunfo desta e da imbecilidade está a contribuir para matar as ideologias e consequência disso, por fim dos regimes reguladores da vida dos povos.

A imbecilidade não é só dos outros. Como nos diz o padre Tolentino « a autoconsciência da ignorância pode abeirar-se da sabedoria, obrigando-nos a um exercício permanente de humildade.»

Vinte e tal anos depois aqui estamos de pé e à ordem, fraternos entre nós e solidários com os outros elegendo a solidariedade como um caminho, uma relação, não de proximidade, mas de vontade e entreajuda, olhando o outro de cima para baixo para ajudar a levantá-lo.

Espaço Fernando Valle, aqui e agora!

Coja, 28 de Abril de 2018.

Manuel da Costa
(ex-Presidente da Editorial M. Pinto)

Memória e Devir

Existe, em relação a Fernando Valle, que agora rememoramos, uma concórdia quanto à justeza e adequação deste DEVER DE MEMÓRIA, que hoje perpetuamos, uma espécie de dívida nunca saldada para com este vulto que, pelo seu valor simbólico, legitima a nossa praxis e a nossa consciência colectivas.

Mais do que conservar a história e resistir ao tempo e ao esquecimento, este espaço - memorial Fernando Valle / sede da Editorial Moura Pinto - é um lugar de vida, porque nele mantém e preserva a memória social de uma comunidade, para a qual não bastam nem servem os museus.

A invocação que hoje concretizamos permite-nos fazer a reconstrução de uma obra, de uma vida e de um homem que não queremos apagados com o finar das gerações que lhes foram contemporâneas. Hoje, aqui, com este acto, abrimos portas e, ainda que por instantes, toda a Humanidade conhece Fernando Valle e unimos, pela transcendência dos seus ideais, o seu passado ao nosso destino.

Hoje trazemos o passado ao presente. Hoje construímos o futuro.

Manuel Seixas

Câmara Municipal de Arganil

A Editorial Moura Pinto é uma Associação Cultural que tem desenvolvido um importante papel no Concelho de Arganil.

Como Vereadora com o Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Arganil , reconheço os múltiplos contributos, através da sua investigação, relembrando figuras importantes da nossa história cultural, fazendo perpetuar na memória de todos nós, pessoas, que se destacaram na área das Letras , das Artes e do Conhecimento.

Por todo o trabalho desenvolvido até aqui com inúmeros eventos, como palestras, exposições, publicações, é com enorme satisfação que a Câmara Municipal de Arganil se associa a este momento cultural marcante, com a abertura de um novo espaço de visita Cultural, em Coja.

Certo é, que, muito deste trabalho se deve ao grande Mestre Alberto Péssimo, grande entusiasta e estudioso da História e das Artes da nossa região (e não só), conseguindo transpor para outros todo este entusiasmo, através da sua Arte.

Bem hajam pelo vosso contributo

Paula Inês Dinis
Vereadora da Cultura

Mais Futuro, Mais Cultura

Já passaram uns anos desde que tive o prazer de ter sido escolhido por um conjunto de homens livres para presidir à Editorial Moura Pinto, mas nem por isso me esqueço de alguns momentos importantes desse tempo como o Centenário da Morte do Poeta Simões Dias ou a edição de um Livro de Homenagem ao Dr. Fernando Valle, essa figura única, cidadã e inspiradora.

A Editorial Moura Pinto está sedeada no concelho de Arganil. A sua história confunde-se com a de muitos que têm vínculos profundos com esse interior beirão do nosso país. Nos dias que correm – pelas piores e repetidas razões – o interior passou a ser notícia. Por conta disso muito se tem falado da necessidade de uma estratégia consistente para atacar a desertificação, para ordenar a florestação, para fixar pessoas e criar empregos. Tudo isso é essencial e, acima de tudo, urgente, sob pena de em tão pequeno país se aprofundarem as desigualdades de modo irreversível.

Mas há um domínio do qual pouco se fala e onde a Editorial Moura Pinto, assim como outros projetos semelhantes, pode ter um papel ainda mais relevante: a produção cultural.

A cultura é um elemento que serve diferentes objetivos. Desde logo, a defesa da democracia, porquanto um povo mais culto é seguramente mais esclarecido e, assim, melhor cidadão. Mas também tem uma componente social fortíssima, pois através da cultura podem reduzir-se as diferenças sociais, permitindo que todos tenham acesso a uma oferta de bens e serviços culturais. E, não menos importante, a cultura tem uma componente económica poderosa, pois num mundo globalizado e ligado por redes de tecnologia é mais simples e acessível produzir-se para muitos, chegar até grandes audiências, captar a atenção para lá das fronteiras físicas.

O maior festival de música eletrónica do mundo é numa pequena aldeia (Boom) no interior da Bélgica, o mais conceituado festival de Banda Desenhada da Europa é numa pequena cidade francesa (Angoulême) e poderíamos seguir os exemplos nos mais diversos domínios para confirmar que nem tudo o que é bem feito e premiado apenas acontece nos grandes centros urbanos.

Tudo isto para reforçar a mensagem de que as indústrias criativas e a produção cultural podem ser a chave do sucesso para o interior do país, gerando emprego, atraindo turismo e fixando cada vez mais pessoas.

Em regra, aos responsáveis políticos só lhes ouvimos reivindicar mais estradas, todavia, há mais vida para além do alcatrão. Ora, na melhor tradição republicana cumpre fazer da aposta na educação e na cultura a base de toda uma sociedade que se deseja mais livre e igualitária.

A Editorial Moura Pinto pode continuar a ser um elemento diferenciador na promoção da cultura, da criatividade e da cidadania como motores de afirmação desta região interior de Portugal, homenageando com tenacidade o combatente republicano e antifascista que lhe deu nome.

Ricardo Castanheira
(ex-Presidente da Editorial M. Pinto)

A Associação Moura Pinto tem pautado a sua atividade essencialmente na "homenagem" e a enaltecer os vultos que ao longo da nossa história contemporânea e não só, que com todo o respeito o merecem. Podemos dizê-lo com convicção, que se encontra em atividade plena e ambiciosa.

E porque está ambiciosa, vamos criar o seu espaço com toda a força e vigor. E que mais honroso seria criar o seu espaço vivo com o nome de " FERNANDO VALLE"? Venha o primeiro e atire a sua pedra...

Associados da "Editorial Moura Pinto", de ontem de hoje e de amanhã, juntem-se a nós e ajudem-nos a sermos grandes...nos valores, nas ações e atitudes.

VIVA A EDITORIAL MOURA PINTO. VIVA FERNANDO VALLE.

António Augusto
Ex-presidente da Editorial Moura Pinto

Fernando Vale e Vasco de Campos

édicos rurais, destacava-os a devoção e proficiência com que desempenhavam a dificílima missão que, na altura, era percorrer os íngremes trilhos do Açor, para a correr aos seus irmãos serranos.

Mais do que a amizade, sentia-se que havia entre eles uma empatia que ia para além do simples e circunstancial relacionamento de homens cultos e de colegas, atingindo, de forma evidente, a admiração mútua e a emoção vivenciada de sentimentos comuns:

Fraternidade para um, humanismo cristão para outro, o resultado era o mesmo - amor ao próximo, principalmente ao mais abandonado e desfavorecido.

Sempre me lembro da presença interessada e da palavra vibrante e eloquente do Dr. Fernando nas alegrias e tristezas que ocorreram na minha família. Na nossa casa em Avô a sua presença e a amizade que nos demonstrava, eram acolhidas com a alegria ou o sofrimento de partilha de emoções que só era possível ser transmitido por alguém com o carisma do Dr. Fernando.

E a amizade dos Pais transmitiu-se aos filhos.

Ainda há pouco pude reviver com o Mário (o mais próximo em idade), os tempos em que, estudantes em Coimbra, nos encontrávamos na Portagem e, perambulando em volta do "Mata Frades" iniciávamos inócuas conversa que acabavam por descambar na política (coisa que, reconheço, nunca tínhamos visto fazer aos nossos Pais).

Com posições divergentes, o tom de voz elevava-se, o gesto sublinhava a palavra, parecendo tribunos embravecidos em defesa das suas teses.

Os pacóvios, sedentos de emoção, juntavam-se à nossa volta à espera que das palavras se passasse aos actos. Porém, para desilusão da interessada "assistência", o que de nós mais cedo ficasse com a garganta seca, metia o braço no braço do outro e pachorrentamente tomávamos o caminho do tasco mais próximo, onde um "copo de três" suavizava as maleitas da contenda.

Aprendemos com os nossos Pais que posições divergentes nunca devem acarretar inimizades, principalmente quando se trata de visões diferentes do modo de atingir fins comuns, eticamente irrepreensíveis.

Recordo, com saudade, o Dr. Fernando Vale e não posso deixar de recordar também a Prima Beatriz (tronco familiar comum na Benfeita) gentilíssima Senhora que foi (amargurada decerto pelas vicissitudes que a situação política do tempo fazia passar ao marido), sua âncora e afectuoso refúgio na acolhedora Casa de Santa Clara.

Se os Homens só morrem quando são esquecidos, penso, sinceramente, que o Dr. Fernando Vale será sempre lembrado pelos filhos dos filhos dos que com ele tiveram o privilégio de estar quer pessoalmente quer em memória vivencial transmitida de geração em geração.

Vasco Manuel Campos Lencastre

Viva Editorial Moura Pinto

Passados que são 23 anos da Fundação da Editorial Moura Pinto , desde a elaboração dos estatutos por noite dentro com o Jorge Passos em casa do Jorge Gonçalves nas Antas, com telefonemas de carater de urgência para o Mário em Coja, o Carlos em Folques, o Manel em alerta em Coimbra, o Alípio e oCasimiro em Gouveia, até ao entusiasmo do Rodrigues Gonçalves na concretização deste espaço e a azafama da inauguração do António Augusto, muitas histórias haveria de contar. Hoje, inaugura-mos o Espaço Fernando Valle em júbilo e alegria, num redobrado entusiasmo para iniciarmos com força, vigor e criatividade uma nova e empolgante aventura. Na verdade, a ação da Editorial Moura Pinto fez-se notar já no ano de 1993 com multiplas atividades que serviram como experiência e que nos indicaram a necessidade da constituição de uma associação que as populações há muito desejavam e que o tempo reclamava de urgente. Sentimos que era um desejo do povo e foi por este saudado com entusiasmo e esperança.

O primeiro trabalho editado pela Editorial Moura Pinto é do eminente Professor e investigador de história económica que de propósito fez para nós um pequeno ensaio sobre Acúrsio das Neves. Armando de Castro, o seu autor não pode estar presente em Arganil por se encontrar muito doente vindo a falecer pouco tempo depois no Porto. Foi este o seu último trabalho publicado . A venda deste opúsculo destinava-se a ajudar uma familia de Arganil à qual o fogo havia reduzido a cinzas a sua casa. Começou assim e bem a nossa associação – divulgação e estudo do nosso património, generosidade, dádiva e respeito pela diversidade de opinião e ideias. Foram estes os primeiros valores que ainda hoje a Editorial persegue. Começou assim congregando tudo e todos aqueles que querem uma sociedade sempre mais justa contribuindo para a valorização plena do ser humano, realizando-se com e para os outros que é para isso que no fundamental existimos.

Longa vida se deseja à nossa Associação.

Viva a Editorial Moura Pinto.

Carlos Dias

Benfeita

Editorial Moura Pinto

Em 1995, em Arganil, nasceu uma editora com objetivos pedagógicos, sob os auspícios de livres-pensadores que tinham por objetivo promover os valores da ética republicana, a laicidade e a democracia.

Pode dizer-se que ao longo de mais de duas décadas nunca traiu os objetivos de quem a fundou e continua a dar-lhe vida, de forma generosa, sem esperar outra recompensa que não seja a da própria consciência.

Hoje, domiciliada em Coja, uma vila onde as águas cristalinas do Alva refletem o olhar límpido de Fernando Vale, que as contemplou durante mais de um século, a Editorial Moura Pinto persiste em dar voz aos valores que, desde sempre, a inspiraram. De algum modo é a continuadora do pensamento dessa grande figura cívica e democrática que foi o médico e humanista Fernando Vale.

A Editorial Moura Pinto é a trincheira contra o esquecimento dos valores republicanos, laicos e democráticos. Ano após ano, livros e folhetos, debates e exposições, jornais e panfletos avulsos, são a voz dos valores de sempre e, não raro, convoca cidadãos para comemorações cívicas do melhor que a História nos legou e o futuro exige.

Recordar a sua fundação é agradecer aos ativistas que me deram a honra de me associar ao projeto, que persiste, e reiterar os votos de que não esmoreça o entusiasmo que os anima e, em conjunto, continuarmos a caminhada por valores que valem a pena.

Quando a vida associativa vai definhando, vítima do egoísmo de muitos e do cansaço de alguns, é preciso atrair outros para o árduo caminho da sementeira que honradamente a Editorial Moura Pinto vem fazendo, na certeza de que as ideias florescem e os frutos surgem.

Liberdade, Igualdade e Fraternidade foi, é, e será sempre a nossa divisa, e um programa comum aos nossos anseios e à prática da Editorial que nos esforçaremos por continuar.

Carlos Esperança

Espaço Fernando Vale

Cultura e Património no Concelho de Arganil

Por iniciativa da União Europeia, 2018 é considerado o Ano Europeu do Património Cultural. Tendo por objectivo primordial valorizar o património que é de todos nós, visa sensibilizar para a história e para os valores que nos norteiam como individuo em comunidade e reforçar o sentimento da nossa identidade, considerando esses valores como realidades abertas à diversidade e ao encontro de outras culturas, mas também valorizar e dar a conhecer o património concelhio.

Esta é uma feliz iniciativa que nos leva a reflectir sobre o que somos e que valores culturais são a nossa referência como cidadãos. Na verdade o concelho de Arganil tem no seu percurso muitos homens e mulheres que se têm distinguido em várias áreas da cultura, nomeadamente escritores, poetas, pintores de que nos orgulhamos e que só por si constituem uma reserva cultural de excelência para todos nós.

A abertura do ESPAÇO FERNANDO VALE é um acontecimento importante e marcante na vida cultural do Concelho de Arganil pois cria a oportunidade e as condições para o desenvolvimento de manifestações culturais que possam valorizar a obra dessas Personalidades, enriquecendo-nos com o conhecimento do seu pensamento e da sua sensibilidade.

O Espaço Fernando Vale é pois e em simultâneo, uma homenagem à figura de que todos nos orgulhamos, Fernando Vale, mas também uma oportunidade para a consolidação mais efectiva de valores como Cidadania, Liberdade, Cultura, no Concelho de Arganil.

Margarida Custódio Fróis

Tenho elevada honra em ter sido o primeiro presidente da Editorial Moura Pinto, ajudando a cumprir os altos desígnios a que se propôs, nos seus estatutos, contribuindo para o estudo, preservação e divulgação do património cultural da região de Arganil. Hoje é com indisfarçável alegria, comoção e orgulho que vejo inaugurada a nossa sede, com o nome do meu progenitor Espaço Fernando Valle. Desejo longa vida à Editorial Moura Pinto e que continue fiel aos seus princípios. Todos juntos construiremos um mundo melhor.

Viva a Editorial Moura Pinto. Viva o Espaço Fernando Valle. Viva a arganilidade. Viva a Liberdade.

Mário Valle

ex. Presidente da Editorial Moura Pinto

"...o que significa cativar? ... significa criar laços." (Antoine Saint-Exupéry)

Um dia, num passado recente, alguém me apresentou um homem especial, grisalho, de bigode retorcido, com ar de artista e uma graça imensa em tudo o que dizia.

Representava a Editorial Moura Pinto e convidava-nos a homenagearmos o poeta Camilo Pessanha, cujas raízes, por parte da sua mãe, eram Tabuenses.

Quanta honra, podermos festejar os 150 anos do nascimento, do autor de Clepsidra, em Tábua.

Perpetuar o seu nome através de um painel de azulejos, pensado ao pormenor, onde ficou escrito o poema que fala de sua mãe... "... Quem rasgou, quem poluiu os meus lençóis de linho...".

A 9 de setembro de 2017, em Tábua, houve festa. Deu-se o nome de Camilo Pessanha à sala de leitura da Biblioteca Pública Municipal.

Alberto Péssimo ofereceu à Biblioteca um quadro onde o poeta está representado.

A Editorial Moura Pinto trouxe até nós o Dr. Nuno Higino que nos brindou com uma belíssima conferência sobre o poeta que escreveu Clepsidra.

Um grupo de artistas, vindos do Atelier 26, do Porto, pintou 3 belíssimos painéis sobre a obra de Camilo Pessanha.

Porque *"o essencial é invisível aos olhos e só se sente com o coração"* deixo o meu agradecimento à Editorial Moura Pinto e a quem a representa.

Ana Paula Neves

(Bibliotecária) - Tábua

Um Paraíso

Nos anos 40, a minha rua estreita, de pedras roliças, começava na capela da Senhora da Esperança. Do lado esquerdo havia as casas de vários moradores, todos pobres, repletas de filhos, pé descalço e a casa do médico, Dr. Fernando Valle, também com três adolescentes e o Mário, o mais novo. Juntavam-se ainda as filhas da Maria Andrade, que tinham ficado sem pai, e que o casal Valle acolhia e o Américo que enchia os pneus, calcorreando com o médico montes e vales.

Brincávamos na rua, sob o olhar vigilante da jovem e santa senhora D. Beatriz. As caminhadas do médico, segundo a minha memória infantil, iam entre a sua casa, o Hospital e o «Café Argus». De vez em quando, lá vinha eu, a seu lado, com 4 ou 5 anos, contando-lhe histórias que o faziam dar as suas conhecidas gargalhadas.

Quando caía, me doía a garganta ou tinha qualquer mal-estar, entrava pelo seu consultório sozinha.

– «Então o que temos»? – perguntava-me o meu querido amigo.

– «Um dói-dói».

– «Ó Guilherme (o saudoso enfermeiro que aprendera a arte na 1ª grande guerra) trate lá o joelho, faça-lhe uma zaragatoa, dê-lhe uma injecção... Portaste-te bem. Não choraste».

Serão as puras amizades hereditárias?

Vi durante toda a vida o meu Pai conversando com ele, a sós, horas a fio. Tanto que tinham para dizer! Tantas confidências! Tanta partilha! Tanto que sonhavam fazer pela gente pobre de Arganil, pelo Hospital, ele como médico e o meu Pai como Provedor da Santa Casa e como amante deste Povo Humilde a que pertencia.

E a política? Como seriam as discussões políticas entre estes dois homens que procuravam catequizar-se mutuamente?

A resposta tive-a um dia, por mero acaso. Encontrei no espólio do meu Pai uma carta que lhe dirigiu o Dr. Alberto Valle. Era maravilhosa. Com uma humildade indescritível, expunha os defeitos que não tinha, as qualidades de sua esposa, o carácter e as irreverências de juventude do filho, confiando tudo isto a um amigo que respeitava e amava – o meu Pai. Pedia-lhe que não contasse nada ao filho. O meu Pai cumpriu, como, aliás, o fazia sempre.

Quando o Dr. Fernando Valle fez 90 anos e bebia um café no «ARGUS», pus-lhe a carta no bolso do casaco. Pedi-lhe que só a lesse em casa.

Telefonou-me. - «Ó filha, fizeste-me chorar»!

Toda esta família tosca como as pedras da calçada, pobre, descalça, feliz e boa, vivia em comunhão com o nobre médico e sua Esposa numa simples rua de pedras roliças. Era um PARAÍSO de Amor norteado por NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA.

Fernando Valle, médico generoso, bom «João Semana», era um amante de S. Francisco de Assis. Nos seus cem anos não vim à festa. Comprei-lhe numa feira, no Algarve, uma imagem tosca deste santo, em barro imperfeito e impuro. Rústica, pobre, feia... Porém, plena de ESPERANÇA... na AMIZADE imortal, no AMOR, na FRATERNIDADE...no PARAÍSO!

Lisboa, 11.04.2018

Maria Olívia Nogueira

Sereníssima Reflexão

Em 1995 alguns disseram-nos para não sonharmos pois dessa forma nunca nos desiludiríamos.

Tinham medo e estavam à espera de que o projecto falhasse.

Fizemos o contrário e não parámos de ter sonhos em comum.

Substituímos o medo pela Fé (que não é apenas religiosa) e lançámo-nos de cabeça para muitos projectos de que resultaram imensas experiências bem sucedidas.

Espelho e identidade do colectivo, a Editorial Moura Pinto é a prova de que ainda pode fazer-se algo de diferente, é o sinal da liberdade que pode acelerar uma actividade criativa.

Com o seu percurso dinâmico alcançou, nestes 23 anos de existência, uma poderosa afirmação da cultura e dedicação colectiva, desenvolvendo, com inteligência e imaginação, um peculiar e notável trabalho baseado num ideário fraterno que está na raiz da sua constituição, desafiando-nos e questionando-nos, enfrentando o esquecimento a que foram votados Homens como Camilo Pessanha, Fernandes Tomás, José Simões Dias, José Estêvão e tantos outros, enquanto tributo a personalidades silenciadas pelas narrativas agora dominantes.

Na verdade foram tantos os temas, tantos os autores, que o mais sensato é nem tentar dar uma ideia dessa diversidade.

A Editorial Moura Pinto, Editora independente, não caminha sozinha. Passo a passo vamos avançando sem olhar para trás, todos unidos no mesmo desejo! ...

Casimiro Nogueira

A EMP nas comemorações do 25 de Abril, em Côja, no ano de 1995. No centro da foto o Dr. Fernando Valle acompanhado de pintores.

Meu Caro Dr. Fernando Valle

Vão os meus amigos de Arganil festejá-lo e querem que eu abra com algumas palavras o impresso que há-de dar perpetuidade à comprida lista de festeiros. Sabe até que ponto creio na quente efemeridade dos afectos vividos e descreio da sua fria eternidade documentada. Mas sabe como o estimo e admiro e me é grato vê-lo acarinhado pelos filhos da terra de que foi sempre um servidor exemplar. Por isso, aqui estou a abraçá-lo cordialmente ao lado deles, em papel e tinta, enquanto o não faço em pele e osso.

Seu
Miguel Torga
Coimbra, 27 de Maio de 1974

A Editorial Moura Pinto faz jus ao nome de Alberto Moura Pinto (4 de Abril de 1883 – 9 de Março de 1960), livre-pensador, homem ilustre da República.

Esta Associação, com sede no concelho de Arganil, tem por fim o "estudo, preservação e divulgação do património cultural, ambiental e ecológico da região".

Em 2002, a Pró-Associação 8 de Maio – alicerçada na tríade: "Pensar, Agir Transformar" – elaborou o livro "FIAT LUX: a Maçonaria na Toponímia de Coimbra", um roteiro que a editorial Moura Pinto publicou. Desde então a acção cultural foi o cimento que geminou as associações em apreço, cooperando, nomeadamente, em eventos memoriais de figuras gradas da Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Uma estreita relação, ao serviço da cultura, fica ademais perpetuada por virtude dos variadíssimos eventos que ocorrerão num futuro próximo.

Bem-haja aos cidadãos que edificaram e escoram esta obra.

PA8M – Pro Associação 8 de Maio

A Amândio Galvão

Num recanto do jardim plantei um pinheiro nórdico. Dei-lhe o nome do meu amigo. No Prazo ele fizera o mesmo por mim. É uma bela romãzeira.

Compartilhamos horas intensas: o mestre e a discípula atenta.

Peregrinamos por lugares, afetos e experiências.

Construímos a ponte entre a sua partida, na juventude, e o regresso a Arganil, de onde nunca verdadeiramente se ausentou. A matriz que lhe dimensionou a alma estava intacta.

Na bagagem do coração trazia tudo o que escreveu ao longo de vinte anos.

Cumpriu um sonho.

Porém, o tempo traiu-o. Precisava de mais. E nós também.

Afortunadamente continuo a frequentar a sua casa de Lisboa e a do Prazo. Contudo, é em Arganil que as marcas são mais fortes.

Quedo-me a olhar a placa que a Câmara Municipal e a Editorial Moura Pinto afixaram na parede da sua residência.

Ele está ali por inteiro. Reconheço-lhe a voz e fico a ouvi-lo: A cultura é o melhor antídoto contra a manipulação da consciência.

Amândio Galvão percorreu os dias sem se distrair de uma linha orientadora bem definida: aprender, aprofundar e aperfeiçoar constantemente o saber.

Inspirou-se em grandes pensadores. António Sérgio, em especial.

Foi um homem de cultura, de uma inteireza e generosidade genuínas.

Agradeço à Editorial Moura Pinto este momento de gratidão e de viagem pela memória.

Amândio Galvão não perguntou: até onde? Foi como o pinheiro nórdico com o seu nome, sempre a desafiar as alturas.

Cruzamo-nos, em cada dia, no legado do seu património cultural, na grandeza das suas convicções e na beleza de todos e tudo o que amou.

Que privilégio ter partilhado a amizade, o saber e a simplicidade de tão ilustre arganilense!

Muito grata pela sua existência.

Maria Leonarda Tavares

Uma ode à Editorial Moura Pinto

Leitura é conhecimento!.

Conhecimento é o que fica, e vai consigo, para sempre. Conhecimento fica connosco, dinheiro não, nem o banco o garante. Conhecimento é o Caminho da Sabedoria, sempre e só em busca da Luz. Conhecimento é tudo o que resta depois de esquecer tudo o fica.

Contudo, para adquirir conhecimento é preciso ter dúvidas. E ***"quem não tem dúvidas é porque está mal informado"***. É preciso ter dúvidas. É a nossa ignorância que nos faz perguntar, e ser humildes, e ler.

É porque não sei, que posso saber... O melhor de nós é saber que não sabemos; isso permite que não sejamos arrogantes. Porque; gente grande sabe que é pequena e por isso cresce, e há gente arrogante que é pequena e quer ser grande apequenando os outros. Não. É preciso mudar e ser diferente. Se necessário mudar a semente. *"Se não gostas da colheita muda a semente", disse alguém um dia. E porquê?.*

- Porque, "tolice é fazer as coisas sempre da mesma maneira e esperar resultados diferentes". ***"Muda que o mundo muda contigo"***, disse Nelson Mandela. Muda, e ficarás a saber que:

- "Mestre é aquele que aprende, não aquele que ensina". Então, tenta aprender sempre, porque a vida é muito curta para ser pequena. E a única coisa que levamos da vida é a vida que levamos.

Mas muitos nada levam da vida. Não leem, não escrevem, não sabem sequer para onde vão, e quem não sabe para onde vai qualquer caminho lhe serve. Vai em frente e fica prisioneiro do mesmo. A mesma praça, a mesma rua, as mesmas ideias... Têm o espirito de Colombo; quando partiu não sabia para onde ía, e quando chegou não sabia onde estava.

E se alguém um dia lhe pergunta:

- Qual é a tua obra, qual foi a tua obra?

Responderão, decerto, como viveram; foi fútil, banal, assim-assim, ou nem isso....

Por isso é preciso ler. É preciso escrever, e é preciso que o escrito seja editado. É preciso evitar que as pessoas se fechem no seu universo. Com explicações prévias e definitivas do mundo e das coisas. Agarradas ao passado e às ideias deles. Como se fossem as últimas, as deles...

Como alguém que não tem dúvidas, só certezas. São esses que precisam de ser ajudados. Precisam de saber que *"a tragédia não é quando um homem morre, é o que morre dentro dele enquanto ele está vivo"*.

E não, nunca nada é impossível. ***O impossível é o que nunca se tentou. O impossível é uma palavra grande que gente pequena usa para nos diminuir.*** E há quem faça o possível nas condições que tem. E há outros que ficam aspirando o ideal, que não passa disso mesmo. Como se vê, como se viu. Não. Bem ao invés. Tudo é possível, depende apenas da nossa determinação e entrega. E nunca se deve deixar nada entregue ao impossível.

Como nunca se deve olhar um homem de cima. Um homem só deve olhar outro de cima para baixo quando for para o ajudar a levantar-se (e a ficar da mesma altura, da nossa). E nada melhor do que ajudá-lo a levantar com a ajuda de bons livros.

A Editorial Moura Pinto merecia-me estas breves e, quiçá avulsas, reflexões. *"Peço desculpa a todos porque não tive tempo de ser breve"*, como disse o padre António Vieira.

Rodrigues Gonçalves

Evocando Amândio Galvão

Vejo-O, ao entardecer, a caminhar, incansável, pelas ruas de Lisboa, saboreando a "sua" Cidade.

Vejo-O, em casa, ouvindo música e lendo, lendo, nas horas de ócio que ignorava.

Vejo o seu olhar profundo e melancólico em auto-reflexão.

Vejo o erudito, o humanista, o defensor acérrimo da Cultura, da Civilidade, da Moral, que fizeram sempre parte da sua riqueza, dos seus bens de valor.

Vejo o homem de afectos ter o culto da Família e dos Amigos.

Vejo-O fascinado com a Serra ..."que oferece ao visitante um espectáculo surpreendente, de uma vastidão e profundidade impressionantes..." ..."um toque de recolhimento místico."(1)

Vejo-O na Biblioteca, horas, debruçado sobre as suas investigações.

Vejo o Cronista - nunca quis ser apelidado de escritor - a elaborar os seus apontamentos, riscando, emendando, e reescrevendo, com teimosa paciência, até alcançar a clareza e a harmonia desejadas.

E foi com esse trabalho dedicado à reconstituição histórica de Arganil e à evocação memorialista dos seus conterrâneos, que viveu, realizado, os seus derradeiros vinte anos.

O empenho dos Amigos, esforçados em manter a sua obra viva e apreciada, no decorrer de quase treze anos de ausência, aquilata do seu merecimento, e testemunha que as amizades do coração são para sempre.

MCGalvão

(1) *Uma volta pela "Serra". Novas Crónicas*

Análises e Balanços

Escolhi este título por ser contabilista de profissão e por ter sido o responsável pela apresentação das primeiras contas desta Associação, ao nível da análise quantitativa!

Nunca deixei de acompanhar a ação da EDITORIAL MOURA PINTO, pois o seu objeto social como "Associação que tem como finalidade o Estudo, preservação e divulgação do património cultural, ambiental e ecológico da região e outras atividades associativas", pela sua natureza, apaixona-me!

Por essa razão, volvidos alguns anos e constatando que esta Associação tem um rumo, do qual nunca se afastou, cumpre-me fazer hoje a análise qualitativa, de forma séria e despretensiosa, sobre a forma como tem cumprido o seu papel, na Sociedade!

Assisti a vários eventos, de sua iniciativa, realizados na Região, sendo notória a preocupação de lembrar PESSOAS que se distinguiram pela sua Ação Social, Cultural e Artística, perpetuando, desta forma o seu NOME e a sua OBRA!

Porque na área geográfica da sua influência todos somos poucos, exorto a EDITORIAL MOURA PINTO a prosseguir a sua MISSÃO de PESQUISA, VIGILÂNCIA E INTERVENÇÃO!...

Como nota final, refiro a atenção e preocupação que dedica ao estudo do Património, em geral, sendo um parceiro que o Poder Local deverá ouvir, pois todos teremos muito a ganhar, com as suas ideias e intervenção!

Carlos Cerejeira

Em boa hora iniciei este percurso, onde pude assumir as minhas responsabilidades. E pela mão do mestre Fernando Valle fui guiado a um mundo de deslumbramento e beleza. Recordo pois, com alguma nostalgia e pena, glórias inscritas nas páginas douradas da história dos homens que levaram a um processo de desenvolvimento e progresso.

" A memória é a consciência inserida no tempo" Fernando Pessoa

Carlos Castanheira,
Ex-presidente da Editorial Moura Pinto

O meu Amigo Luís Valle

Foi na década de oitenta, do século passado, que conheci o Doutor Luís Valle (assim o tratava) e a empatia entre nós foi imediata, que progrediu e continua de forma excepcional.

Conhecer o Luís foi como ser recebido por um irmão mais velho, um professor e um amigo, de quem posso dizer, sem entrar em pormenores, que fundou, com a esposa, em Condeixa, um colégio, onde, durante anos, foi professor de História e director.

Foi também funcionário superior do Ministério da Cultura, tendo representado Portugal, várias vezes, no estrangeiro.

A cultura do Luís e dos amigos não o impedia de continuar a gostar de uns belos serões com Natália Correia, no «Botequim», de que era proprietária, no Bairro da Graça, em Lisboa, onde a poetiza e deputada declamava acompanhada ao piano (conforme sabia), pelo Luís.

E porque um bom filho, muitas vezes, tem um pai extraordinário, tive, através dele, a oportunidade de conhecer o Doutor Fernando Valle, homem de quem todas as palavras são insuficientes para descrever a sua sabedoria e dedicação aos necessitados, quer como médico quer como cidadão.

Desta relação com o Luís muito mais tenho para dizer mas da sua sabedoria como homem justo e perfeito nada mais acrescento.

Fernando Sacramento

Fernando Vale

No relicário das memórias, guardo algumas do Dr. Fernando Vale. As primeiras, já amarelecidas pelo tempo, localizam-se na minha infância quando, numa bela manhã de Outubro, vi passar à porta de casa, em Coja, um grupo que, de espingarda ao ombro, se encaminhava para uma caçada às perdizes. Eram três ilustres amigos e chamavam-se: Alberto Martins de Carvalho, Miguel Torga e Fernando Vale. Porque se critalizou, durante tantos anos, esta imagem? Não sei...

Outra memória (dolorosa...) foi a operação ao apêndice, a que fui submetido, já com princípio de peritonite, no velho Hospital de Arganil e dos cuidados que, como médico, me dispensou; outra ainda, remete-me para os célebres "bailes" na sua Casa de Santa Clara, onde, havia sempre mesa posta e farta para os convivas. Então, nessas noites de calor, pelas janelas abertas, saía música e luz, jorrando alegria, como jorrava a "Marcha Almadanim" tocada pela "Tuna do Zé Jacinto" no poema do Manuel da Fonseca...E tantas, tantas outras que seria agora ocioso enumerar.

Mas a grande, a inapagável memória é, quando já adulto, tomei clara consciência do exemplar e corajoso percurso, do cidadão, do médico, do resistente.

Amigo e conselheiro das nossas conversas saí sempre enriquecido e, mais importante! ao contrário dos habituais "velhos do Restelo", também sempre fortificado com a esperança de um "amanhã" melhor.

Com o desaparecimento do Dr. Fernando Vale não foi apenas Coja e o Concelho de Arganil que ficaram mais pobres: foi o País inteiro e todos squeles que, como eu, continuam, teimosamente, a acreditar nos ideais da Liberdade e da Fraternidade, a bandeira que ele empunhou durante toda a sua vida. Uma única palavra poderá sintetizar tudo quanto lhe devemos. É uma palavra simples, com apenas oito letras, mas do tamanho do mundo e escreve-se... OBRIGADO!

Sinde Filipe

Indumentária

Levanta-te Manuel
(que são horas)!
Acorda!
Dizia-me
Mãe Gabriela:
Tira o Pijama
Põe as Cuecas
Veste as Calças
Põe as Meias
Calça os Sapatos
Enfia a Camisa
Põe a Gravata
Veste o Casaco
Põe o Boné.
Tira o Boné!
(que estas em Casa).
Come o Pão, bebe o Café
Quando fores pr'à escola
Põe o Boné
e
Calça as Luvas
(que está muito Frio)
Leva o Guarda-Chuva
(que pode chover).
Não esqueças a Sacola
(dos deveres).
Está atento à Professora
(não borres os dedos com tinta)
Quero-te um HOMEM
Manuel
(meu rico Filho)
Tua Mãe: Gabriela.

Camponesas do Alva

Oh camponesas formosas,
Do Rio Alva, tão lindo!
Há a frescura das rosas
Nos vossos lábios sorrindo.

Por entre as loiras espigas
Pelas encostas da serra,
Andam no ar as cantigas
Das modas da vossa terra.

Bailai, bailai,
Oh raparigas,
Cantai, cantai,
Vossas cantigas;

Porque quem canta,
Diz o refrão,
Seu mal espanta
Do coração.

Cantai a vossa canção,
Cantai, cantai, dia a dia;
Pois sabe melhor o pão
Criado com alegria.

Quando perderes a graça
Que seduz os corações,
Da vida nem rudo passa...
Ficam as vossas canções.

Bailai, bailai,
Oh raparigas,
Cantai, cantai,
Vossas cantigas;

Porque quem canta,
Diz o refrão,
Seu mal espanta
Do coração.

Vasco Campos
Avô 1936

O Espaço Fernando Valle

Fiz-me sonhador por fora e por dentro
Escolhendo o privilégio de ser
Médico de família na minha terra
E homem do mundo em qualquer lugar.
Nesta Coimbra dos doutores dizem que empobreci.
Perdoai os pobres do espírito. Perder bens é perder pouco.
Perder a honra ou perder a dignidade é perder tudo.
Tive grandes sonhos a que dei corpo e alma
Como deveres de cidadania infinitamente belos
Como são os poentes em Santa Clara.
Tratei os corpos e as almas de Côja e Arganil
Como faço bem a cama onde me deito e descanso.
A noite cai e oiço o meu grito: Viva a liberdade!
Olho de longe o que sei. Trago aos olhos
O que parte para os outros. E mais noite cai em mim Beatriz!
E lembro de cor o Torga; "Pátria, até que os meus pés
Se magoem no chão; Até que o coração bata descompassado.
Até que eu não entenda a voz livre do vento
E o silêncio escolhido das penedias.
Até que a minha sede não reconheça as fontes.
Até que seja outro e para os outros
o aceno ancestral dos horizontes".
Ser o mesmo em todas as coisas
E ser do princípio ao fim assim. E comovidamente
Cai mais a noite em mim. Como se fosse um fim.
Vem onde se destina. Parece pertencer a outra lei.
Lá longe sinto tão perto, fechado de estar tão aberto
Existe sendo... Não sendo. Um passo que chega indo
Um andar que parte vindo. Uma luz que cega, vendo.
Um saber que não entendo e sinto.
Os dias nunca mais serão iguais!
Não ficando alegre nem aliviado, também não fiquei triste.
Adormeci, talvez...
Encanta-me amanhecer
O ar distante, indefinido, sempre a acontecer.
O horizonte mais nítido ganha os sonhos que lhe dão.
Cria uma vontade e uma razão
E como se não fosse nada. Assim!
E sinto um vento e um frio que incomoda
E Pessoa diz em mim:
"Quando eu morrer, filhinho
Seja eu a criança, o mais pequeno.
Pega-me tu ao colo
E leva-me para dentro de tua casa.
Despe o meu ser cansado e humano
E deita-me na tua cama e conta-me histórias
Caso eu acorde, para eu tornar a adormecer".

Carlos Maia Teixeira

Último Poema

Murcharam os rododendros de S. Martinho
e a azálea que um dia plantaste
ergue-se sobre o muro do quintal
para saber se era verdade
que nunca mais sentiria a ternura dos teus dedos.

Se Deus existe, estava à tua espera
para continuarem a interminável discussão
sobre o absurdo da vida e sobre
a escândalo da morte, e então disseste:
aqui estou a pedir-te contas
do último poema que não me deixaste escrever
mas que trago lavrado na alma
como um ruflar das vozes intemporais
de meus avós cavadores e almocreves.

Deus hesitou, ia a pedir desculpa,
mas ao ver-te inteiro e ao natural
com teu puro rosto de camponês,
sorriu e disse:
precisei de ti para semeares de poesia
o mar infinito da eternidade.

António Arnaut

Uma bica, por favor... mas triste!
Daquela tristeza simples, avulsa
Que sempre resta e persiste
No fundo da chávena
No fundo do olhar.

Jorge Passos

Guitarra Lusitana

Guitarra meu amor de raiz;
minha mulher encordoada...
Procuro o meu país
no teu corpo de mulher imaginada.

Contigo subo na fragrância
de teus enlevos
de corça. Frágil elegância
de tuas ancas nos meus dedos.

Guitarra meu país por dedilhar!
Percorro-te nas cordas da loucura;
Nas ânsias frágeis da dor.

Sinto-te nos dedos. Vamos namorar...
Estreito-te pela cintura.
Guitarra lusitana meu amor!

Carlos Carranca

No aniversário do Dr. Fernando Valle

De mim, que sou romã

O que gostava era de adoptar
O ponto de vista da romã:
Nascer num pomar
Perto de ti e também do mar
E construir em mim a esperança vã
De ser fruto apenas semi-vegetativo.
Ouvir ao longe a vaga
E ficar preso a certo ramo atento
Com pássaros empoleirados
Que dormem ao relento
Mas junto de cestos pendurados
Que são carinhos, que são ninhos,
Pedindo am cada manhã
Que o sol lhes traga
Essa vermelha, guardada baga,
De mim, que sou romã.
Depois, por calores vagarosos,
Ou por dardejantes raios de manhã,
Abrir um interior bem colorido
E oferecer a filhotes já criados
Na ponta dos seus bicos regalados
Segredos da Natureza com sentido.

Amadeu Carvalho Homem

Alberto Moura Pinto
"Antigo ministro da República Portuguesa, girondino contra ventos e marés."
Aquilino Ribeiro

Formaliza-se hoje, dia 2 de Março de 1995, neste lugar e nesta vila de Arganil, uma associação denominada "Editorial Moura Pinto" com o objectivo primeiro da defesa e divulgação do património cultural, no sentido mais amplo e global do termo, da região de Arganil e aqui, região, entende-se, como não podia deixar de ser, até onde a arganilidade deixou marcas indeléveis, que o tempo acentuou em cortes, tantas vezes subtis, que só o sentido profundo da comunidade e uma matriz vincada pela aspereza de tantas invernias e pelos avatares de tantas peripécias, não podem deixar de nos identificar, pois são os traços estruturais do nosso retrato, a trave mestra da nossa personalidade, a pedra de fecho que obreiro sabiamente construiu.

Alberto Moura Pinto

Coimbra, no dia 4 de Abril de 1883, registado como o nome de Alberto Marques. Cursa Direito na Universidade de Coimbra. No período monárquico desempenha o cargo de Administrador Régio do Concelho de Arganil e de Procurador Régio, em Miranda do Douro e São João da Madeira. Mação, está inscrito na Loja Tenacidade, de Coimbra, com o nome de Passos Manuel. Em 1910, participa nas movimentações para a implantação da República, cooperando na Junta Revolucionária de Coimbra. Como deputado, integra as Constituintes de 1911, representando o Círculo de Arganil e cumpre mandatos sucessivos na Assembleia, pelo Partido Unionista, envolvendo-se numa célebre polémica com Veiga Simões, tendo, como pano de fundo, a ida do caminho-de-ferro para Arganil. Com a ascensão de Sidónio Pais, Moura Pinto exerce o cargo de Ministro da Justiça, entre 11 de Fevereiro de 1917 e 7 de Março de 1918. É responsável pela alteração da Lei da Separação entre a Igreja e o Estado.

Em desacordo com a ditadura militar, participa na rebelião de Junho de 1930, tendo sido preso e deportado para os Açores. No ano seguinte, aproveitando a possibilidade de fuga durante a Revolta de 1931, parte para Espanha onde, com Jaime de Morais e Jaime Cortesão, formam o "Grupo de Madrid", alcunhados de "Budas".

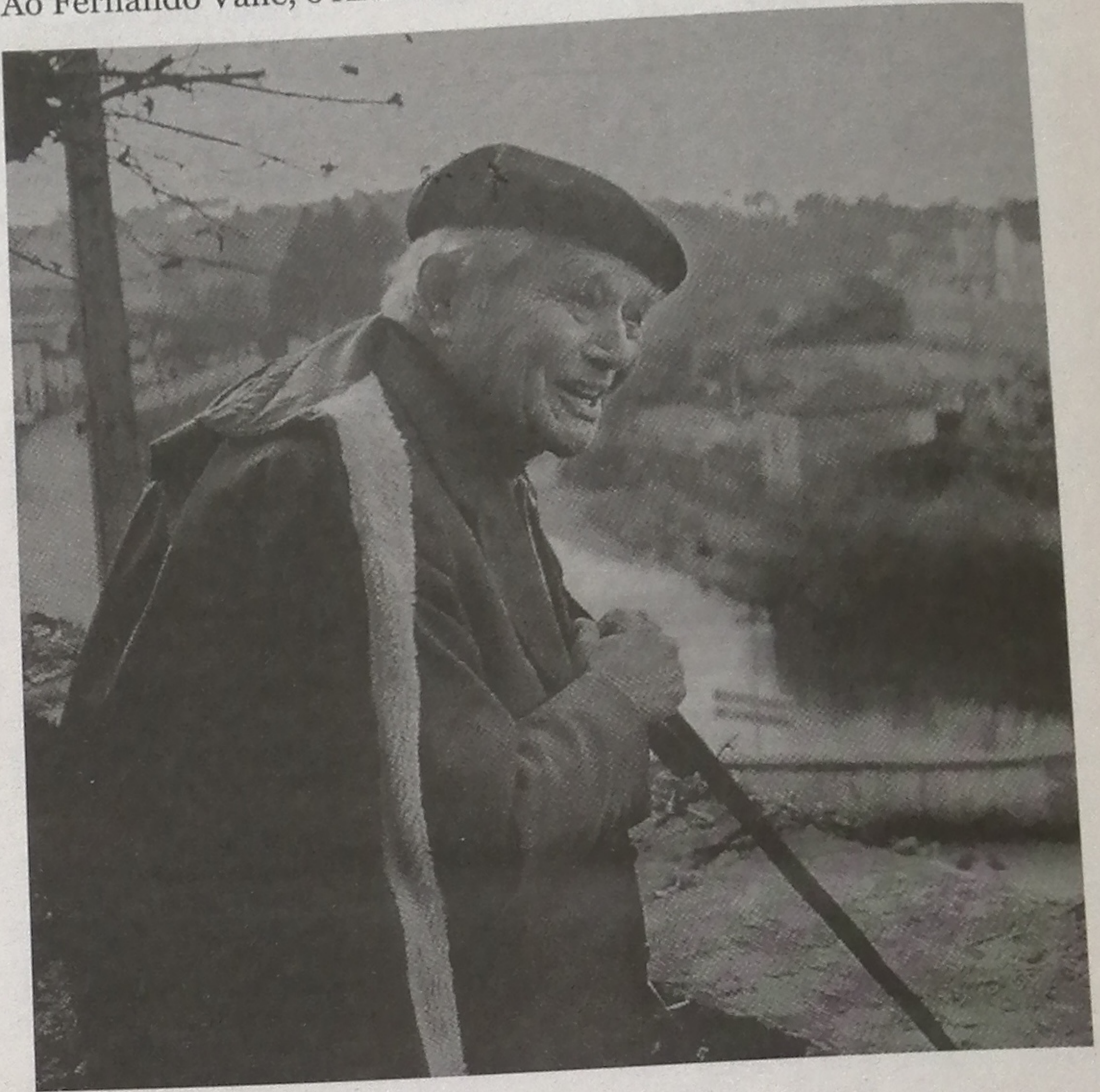
Em 1934, uma mudança política em Espanha coloca a direita no poder; os socialistas projectam um golpe, com o auxílio dos exilados portugueses e das armas que, até então, lhes eram fornecidas com o beneplácito do regime deposto. Descoberta a trama, Moura Pinto é enviado para a Prisão Modelo, em Madrid, entre 1934 e 1935. Em 1936, com a vitória da Frente Popular, seguida do golpe de Franco e da Guerra Civil, os Budas declaram a sua fidelidade à República de Espanha, participando na luta contra Franco. O grupo acompanha a mudança do governo republicano para Barcelona, de onde Moura Pinto é transferido para a França; aí actua em prol dos republicanos, buscando auxílio para o Plano Lusitânia, que pretendia organizar uma invasão de Portugal pelos resistentes portugueses para acabar com o regime de Salazar e sua colaboração com o franquismo. O avanço das tropas franquistas põe fim ao intento dos exilados lusos.

Em 1939, Moura Pinto é obrigado a buscar refúgio no Brasil, na iminência de ser deportado para Portugal, depois de ter sido preso em território francês por estar irregular no país. Com a chegada ao Brasil de Cortesão e Morais, prossegue a sua actividade como oposicionista, integrando o Comité Português Anti-Fascista, criado no Rio de Janeiro em 1945. Neste período, retoma os contactos com os republicanos espanhóis exilados, nomeadamente com o sector galego, comandado por Castelao, a quem os Budas entregam uma credencial para que ele possa representar os exilados portugueses na Assembleia das Nações Unidas. Estabelece contactos como o Movimento de Unidade Democrática, fazendo publicar , em jornais brasileiros, diversos textos contra o regime de Salazar. Durante a campanha de Norton de Matos é o encarregado da angariação de fundos junto dos anti-salazaristas a residir naquele país. Na década de cinquenta, Moura Pinto participa nos debates sobre o problema colonial e o posicionamento de Portugal na questão da Goa. Regressa a Portugal em 1957. Com Jaime Cortesão, antigo companheiro de exílio, apoia com relutância a candidatura de Humberto Delgado. Falece em 9 de Março de 1960.

Bibliografia PAULO, H. "Os Budas e os seus aliados", História, nº 91, 2006.

Heloisa Paulo

FERNANDO VALLE AD ETERNUM

Ao Fernando Valle, o Aristocrata da Esquerda:

Este é tempo de sim
Tempo de cada um por si e para si
Carreira ordem unida orelha murcha
Vida vidinha medo miudinho
Tempo de chefe e chefezinho
Este é tempo outra vez de Portugal em inho

Eis senão quando vem Fernando Valle
Com seu cabelo branco e seu sorriso
Traz consigo a velha trilogia
Liberdade (diz ele) E há nos seus olhos
Uma bandeira a conduzir o povo
Igualdade (diz ele) E chegam guerrilheiros
Com suas armas e sua festa
Garrett desembarca no Mindelo
Antero fala nas Conferências do Casino
Tocam sinos
E chegam carbonários
Sonhadores
A Rotunda o Relvas a República
Fraternidade (diz) E aí estamos nós
De novo de mão na mão
Prontos para o combate
E para o não

Ouviremos o Torga

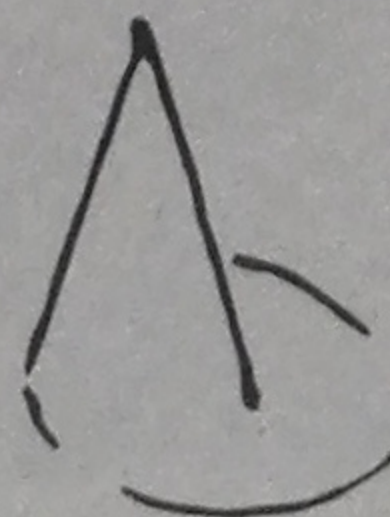
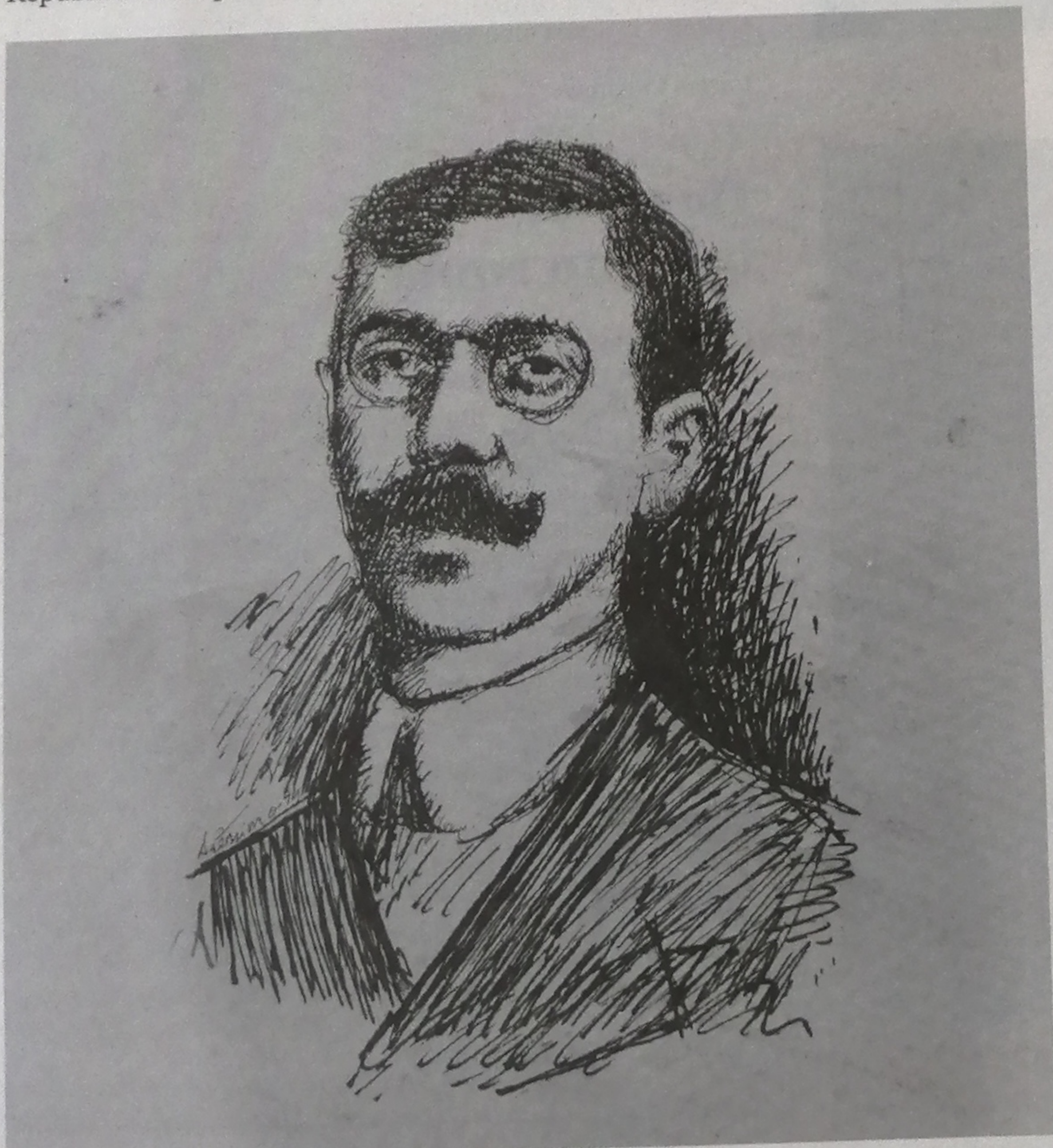
Seremos contra isto para ser por isto
Resistir é possível
Pela esperança lúcida
É possível começar de novo

Porque ainda há Fernando Valle
Algures em Coimbra ou Arganil
Há ainda um velho capitão do povo
Com ele é sempre Portugal
E é sempre Abril.

**Poema de Manuel Alegre.*

Edição 250 exemplares

Distribuídos gratuitamente em Côja e Arganil, no dia 5 de Maio de 2018, na inauguração do Espaço Fernando Valle, sede da Editorial Moura Pinto.

Capa de Alberto Péssimo

EDITORIAL MOURA PINTO

Poemas escolhidos de Luís Valle

por José Queiroga

A obra poética de Luís Valle gira essencialmente em torno no eterno feminino, não no sentido esotérico que lhe era dado até ao século XIX; nem tão pouco, no que Jung defendia com a aproximação psíquica do homem e da mulher, demonstrado aquele maior abertura para o entendimento com o outro; nem no sentido do femininismo como defendia Simone de Beauvior, embora se reconheça o quanto estas etapas do desenvolvimento humano significaram, em termos de evolução civilizacional e no relacionamento de género.
No caso concreto, o que pretendemos relevar é que a poesia de Luís Valle tem como temática central o eterno feminino entendido num sentido muito mais vasto, ou seja, como a energia universal do amor. E, essa energia universal é nos oferecida na exaltação tanto das pequenas como das grandes coisas da mãe natureza, sejam flores, campos, bosques, praia, mar, pássaros e a mulher, aqui figura tutelar, pois ela cria, amamenta e educa uma nova vida. Nesta poesia, encontramos a mesma preocupação com os grandes valores humanos da fraternidade, da liberdade, da paz e esperança num mundo melhor. É pois precisamente o amor o tema nuclear mais constante desta Flauta Breve, título do livro de Luís Valle, editado em 1998 pela Editorial Moura Pinto, de onde são oriundos os poemas seleccionados que iremos partilhar. Trata-se de um pequeno livro mas, apenas no formato, pois é um livro enorme. Desde logo, pela concepção gráfica, pela ilustração cedida por quatro importantes pintores e não menos pela inusitada beleza da poesia.
Ouçamos este exemplo:

Rosa Vermelha

levo-te
impressa na minha carne
a loucura do teu corpo ausente

pudesse eu ainda
na manhã acordada
adormecer
docemente inclinado
no ombro onde tens desenhada
uma rosa vermelha

Ou, ainda este outro, em que o poeta assume essa preocupação cívica de que falávamos há pouco, poema que abre aliás o citado livro e, que aqui, (hoje) tem um significado de relevante importância:

Construção I

teus cabelos nas ondas prateadas
escorrendo a sede que havia em nós
quando
aprendizes da fraternidade libertadora
pedra cúbica talhámos
do amor
o templo apetecido

do oriente vinha-nos a luz
e o nosso corpo era a construção desejada

Construção II

vou fazendo versos nas horas vagas
cansadas
que a burocracia ainda me deixa

poeta lírico dum lirismo chorado
nunca fui

creio que o meu lirismo é outro

sentir na inteligência na carne nos ossos
as contradições do mundo concreto
ser cavador de uma sementeira de outra dimen-
são
com grãos de verdade conseguida
e esperança no renovo de amanhã

saber que essa mulher
que neste momento passa por mim
só poderá estar deitada a meu lado
se eu e ela formos pedreiros da mesma constru-
ção

Construção III

ma rosa no teu regaço
que desfaço
no coração

amar amor
é arrancar uma a uma
as pétalas de uma flor
e depois
renascer na corola
que construímos

Dádiva

vem ó minha amiga
banhar-te nas águas azuis da praia

dar-te-ei numa concha de madrepérola
o peixe vermelho que é meu companheiro

Marinha

cabelos negros
com reflexos de pau santo
escorrem no teu corpo
algas maceradas de maresia
onde repousei o desejo
que me consumia

Praia

longo
verde mar
fala
de incontida aventura

estiola
e cala na areia amarela
da praia
a paz futura

Marca

na espuma longa da praia
uma gaivota passa
e vou nas asas cavalgando
minha fome saciada

tu ficas na areia marcado
amor

Teia

acaricias-me
no sortilégio da teia que vais tecendo
e desfazes depois ao romper da alva
quando a noite amanhece no dia seguinte

fica no entanto um fio preso
em mim e em ti

e a teia recomeça ao entardecer
que se aproxima inexoravelmente
todas as noites

Primavera

no parque um chorão candidamente
escondeu a ternura das nossas intenções
quando sentado sentimos o calor das nossas
mãos
entrelaçadas
uma rosa vermelha em frente
abriu um sorriso de comunhão compreendida

era Primavera

voltámos outro dia ao parque
lembras-te
sentámo-nos no mesmo banco
e sentimos de novo o calor das nossas mãos
dadas

uma saudade em frente
deixou cair uma a uma pétalas brancas
lágrimas possíveis de uma nascente
para desaguar na raiz da roseira
que foi nossa companheira
e se abriu novamente num sorriso de compreen-
são

continua a ser Primavera amor

Luís Valle, que nasceu em Coimbra em Janeiro de 1924, publicou vários livros de poesia. Escreveu igualmente alguns relacionados com a sua formação académica em ciências histórico-filosóficas. Prefaciou outros, como uma Antologia de um dos seus assumidos mestres de juventude, Afonso Duarte. Escreveu, curiosamente, um texto, que iremos transcrever na íntegra, que constituiu a primeira crítica literária escrita sobre Miguel Torga num jornal da região, precisamente *no Jornal de Arganil de 02/11/1944.*

"É esta a secção do "Jornal de Arganil" mais indicada para o pouco que se vai dizer sobre Miguel Torga. Ela é o lugar reservado para aqueles que pela primeira vez tentam as belas letras; para aqueles que anseiam, não a vanglória de literatos, mas muito simplesmente, expor os seus pensamentos, demonstrar claramente ao leitor que os velhos moldes de escrever caducaram – e outros mais simples, mais sinceros, mais substanciais e menos despretensiosos se impuseram. Portanto, nenhum lugar deste jornal mais adequado para escrever sobre Miguel Torga, pois este escritor é o guia de todos os novos. Ele é um facho luminoso de clarão intenso que incendeia as almas e os cérebros dos que, como ele, antevêem para a humanidade um futuro melhor. Miguel Torga é a estrela polar dos novos, é o norte que encaminha todos os jovens navegantes do mar imenso dos ideais. Guia-os pela forma maravilhosa como escreve; guia-os pela integridade do seu carácter; encaminha-os pelo exemplo da sua vida; é o exemplo a seguir pela sua personalidade são e inteiriça. Miguel Torga, "homem de um só rosto, de um só parecer e de uma só fé" alia às suas altas qualidades de prosador e poeta, as de um cientista de valor. A sua pena é incomparável. Os seus contos e poemas comovem e arrebatam. O público português tem sabido bem apreciar-lhe o valor. Provam-no as edições dos seus livros mormente os de contos. É que Miguel Torga sabe, como ninguém, dar cores vivas de pinceladas de mestre aos seus escritos. Ele vai ao fundo da coisa arrancar-lhe as fibras e trazê-las ao de cima, com uma perícia encantadora. Ele conhece perfeitamente o que descreve – o som das fráguas, o arredondado dos cabeços, a topografia das choupanas, o deslizar das levadas. Miguel Torga é o escritor das cenas do campo, da vida agreste do aldeão, do sossego das aldeias serranas. E ninguém como ele sabe melhor pintar o que tudo aquilo tem de mais real, de mais puro, de mais trágico, de mais duro e de mais humano. Diz o crítico literário de "O Primeiro de Janeiro": "comovem e mesmo muito mais que arrebatam (os contos). É que este autor sabe, como nenhum outro extrair o que há de dramático no viver aldeão. Aprofundou como poucos, os mistérios da morte e da vida, para lhes desvendar o sentido trágico e dar-lhes a expressão, a mais justa, a mais condensada, a que mais profundamente toca o íntimo do leitor, por mais prevenido que esteja. Não importa se o autor observou os casos que relata ou se os inventou o seu génio. Desde que os soprou o seu génio criador, já não é possível admitir que não existam, em qualquer parte, tão real e perfeitamente como os conta". Miguel Torga é, sem dúvida, o melhor contista português. Há ainda poucos dias que editou um novo livro de contos – Novos Contos da Montanha – que, como os anteriores livros, está destinado a um novo sucesso."

Apesar do convívio, na sua juventude, às mesas do café, no ambiente coimbrão com a figura tutelar de Afonso Duarte e a admiração confessada por Miguel Torga, a obra poética de Luís Valle está mais próxima dos neo-realistas da sua geração João José Cochofel e Carlos de Oliveira, sobretudo deste último. Porventura, em consonância com o assumido no que havia escrito na parte inicial do artigo transcrito, que os velhos moldes de escrever caducaram – e outros mais simples, mais sinceros, mais substanciais e menos despretensiosos se impuseram.

José Queiroga